



LUIZ FERNANDO VIANNA

O Brasil numa sala da USP

RIO DE JANEIRO – Quem digitar no YouTube “intolerância do movimento negro” encontrará um vídeo revelador do Brasil de hoje e indicativo do país do futuro.

Foi compartilhado por um “Canal da Direita”, que busca denunciar o suposto autoritarismo de um grupo de estudantes negros. Eles interrompem uma aula de economia na USP para debater cotas raciais.

O grupo perde o controle. Manda alguém calar a boca, grita, acaba fazendo o jogo dos que, por serem donos da situação desde que o Brasil é Brasil, dão-se ao luxo de participar desses confrontos com voz baixa e toques de cinismo.

Não há, da parte dos estudantes brancos, nenhuma frase explicitamente racista. São falas de quem não quer que certas coisas se movam – embora o vídeo seja a prova de que já se moveram – e que veem a universidade como parte do caminho rumo ao mercado de trabalho, não lugar de politização. Para eles, 1968 é um

ano que já terminou, se é que existiu.

“Eu não quero saber (o que é ser preto na periferia). Eu quero é ter aula de microeconomia”; “Papai trabalhou muito para pagar o meu colégio”; “É só estudar e entrar na universidade.”

São frases de um branco que ingressou na universidade pública graças a uma boa formação em escolas particulares e que desmerece as cotas.

E vem o momento samaritano: “Você é igual a mim. Não fico me diferenciando de você”. Resposta errada. Nunca foram iguais.

O que está em curso, graças às cotas e ao Prouni, é um choque por muito tempo represado. Dos conflitos, como o do vídeo, poderá sair um país melhor, no qual agressões e cinismos sejam trocados por vozes falando em pé de igualdade.

A tradição brasileira dos falsos consensos vem sendo corroída dia após dia, sobretudo pela juventude. É daí que surgirá o futuro, não dos que clamam pela volta ao passado.